JESUÍTAS BRASIL

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)
Ano 20 | nº 333 | vol. 20 | 2022

A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido

Eben Kirksey

Cadernos
IHU ideias
ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)
Ano 20 | nº 333 | vol. 20 | 2022

A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido

Eben Kirksey

Doutor em Antropologia Cultural e História da Consciência pela Universidade da Califórnia e professor associado do Alfred Deakin Institute - Austrália

Tradução: Isaque Gomes Correa

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU
Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias
Ano XX – Nº 333 – V. 20 – 2022
ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos
Conselho editorial: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.
Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).
Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado
Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues
Imagem da capa: Picryl
Revisão: Pedro Henrique Barbosa de Brito
Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido

Eben Kirksey

RESUMO: Vírus são geralmente percebidos apenas quando acontece algo de errado. Nas primeiras semanas de março de 2020, um vírus emergente estourou a bolha da modernidade. Vínhamos numa trajetória de crescimento, aparentemente sem limites. Mas então um agente infeccioso invisível rompeu nossos sonhos e programas coletivos. Nuvens carregadas de partículas de coronavírus, com propriedades desconhecidas, de repente começaram a assombrar cada um dos nossos movimentos. Uma energia receosa interrompeu sistemas econômicos, comerciais, sociais e culturais em todas as partes do planeta. Frotas de empresas aéreas foram impedidas de levantar voo. As emissões de gás carbono reduziram-se radicalmente, mesmo que por um curto período de tempo. As cadeias de suprimentos industriais se esforçaram para dar conta das demandas de alimentação, equipamentos médicos e mesmo de papel higiênico. A nova cepa de coronavírus diminuiu a ação humana em uma escala planetária.

PALAVRAS-CHAVE: Virosfera. Biofobia. Biofilia.

The Virosphere: learning to live with the unknown

Eben Kirksey

ABSTRACT: Viruses are usually only noticed when something goes wrong. Within the space of a few weeks in March 2020, an emergent virus burst the bubble of modernity. We were on a trajectory of growth, seemingly without limits. But, then an invisible infectious agent disrupted our collective dreams and schemes. Hazy clouds of coronavirus particles, with unknown properties, suddenly began haunting our every movement. Nervous energy interrupted economic, commercial, social, and cultural systems in all parts of the planet. Airline fleets were grounded. Carbon emissions were radically reduced, even if just for a short period of time. Industrial supply chains struggled to meet the demands for food, medical equipment, even toilet paper. The new coronavirus strain diminished human agency on a planetary scale.

KEYWORDS: Virosphere. Biophobia. Biophilia.

A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido

Eben Kirksey

Doutor em Antropologia Cultural e História da Consciência pela Universidade da Califórnia e professor associado do Alfred Deakin Institute - Austrália

Vírus são geralmente percebidos apenas quando acontece algo de errado. Nas primeiras semanas de março de 2020, um vírus emergente estourou a bolha da modernidade. Vínhamos numa trajetória de crescimento, aparentemente sem limites. Mas então um agente infeccioso invisível rompeu nossos sonhos e programas coletivos. Nuvens carregadas de partículas de coronavírus, com propriedades desconhecidas, de repente começaram a assombrar cada um dos nossos movimentos. Uma energia receosa interrompeu sistemas econômicos, comerciais, sociais e culturais em todas as partes do planeta. Frotas de empresas aéreas foram impedidas de levantar voo. As emissões de gás carbono reduziram-se radicalmente, mesmo que por

um curto período de tempo (SIKARWAR et al., 2021). As cadeias de suprimentos industriais se esforçaram para dar conta das demandas de alimentação, equipamentos médicos e mesmo de papel higiênico. A nova cepa de coronavírus diminuiu a ação humana em uma escala planetária.

Muito antes da pandemia, filósofos modernos argumentaram que os mundos humanos existiam fora do reino dos objetos materiais e das relações ecológicas. Martin Heidegger é conhecido por defender este argumento com uma tese tripartite: "a pedra (objeto material) *não tem mundo*; o animal é *pobre no mundo*; o homem é *formador de mundo*" (HEIDEGGER, 1995, p. 176). Alegações semelhantes sobre as capacidades excepcionais dos seres humanos foram assumidas uma década atrás por Peter Sloterdijk, filósofo alemão contemporâneo que se considera a "segunda vinda" de Heidegger. Sloterdijk escreveu uma série de livros sobre esferas, bolhas, espumas e globos trabalhando duro para defender o pensamento dualista que sustenta a modernidade: ele argumenta que os humanos sozinhos se movem entre mundos. Em suas próprias palavras, Sloterdijk sugere que os seres humanos são "anfíbios ontológicos" enquanto os animais "movem-se em torno de uma gaiola ontológica" (SLOTERDIJK, 2011; cf. TEN BOS, 2009, p. 74). Estes filósofos estiveram cegos às capacidades formadoras de mundos dos animais, bem como à grande quantidade de agentes invisíveis à espreita mundo afora.

Talvez você também pense que esteja vivendo em uma bolha – sozinho em um apartamento, uma unidade autocontida, onde poucas ocasiões de interações sociais e ecológicas acontecem. Pense de novo. Nós

todos vivemos dentro da virosfera – o grande, porém insuficientemente compreendido universo dos vírus.

Cada vez que respiramos, inalamos cerca de seis litros de ar juntamente de milhares ou milhões de partículas virais. Os vírus também entram em nosso corpo toda vez que mordemos algum alimento ou bebemos água. No todo, encontramos aproximadamente um bilhão de partículas virais por dia. Alguns desses vírus são capazes de infectar células humanas, mas muitos pertencem aos insetos, fungos, animais e bactérias que vivem dentro ou próximos de nós. Estes vírus são formadores de mundos assim como destruidores de mundos.

Vírus foram encontrados em locais aparentemente inóspitos como respiradouros do fundo do mar, geleiras glaciais e nascentes extremamente quentes e ácidas. A diversidade genética no planeta é uma história da diversidade viral. Os vírus são a forma mais abundante de vida já descrita, e mais de 99,9% da sua diversidade permanece ainda a ser estudada. Dito de maneira simples: no jogo da vida, os vírus são os vencedores (GÜEMES et al., 2016). Teóricos da cultura reconhecem a importância destes agentes infecciosos desde que Deleuze e Guattari (1983, p. 21) sugeriram que "nossos vírus nos fazem fazer rizoma com outros animais". Mas, nos últimos anos, teóricos da cultura estão desatualizados em relação aos esforços científicos que começaram a mapear os vastos reinos desconhecidos da virosfera.

A capacidade formadora de mundo dos vírus vem sendo estudada nos ecossistemas oceânicos dos recifes de coral e dos plânctons. Os vírus que infectam bactérias, e outros microrganismos, são chamados "fagos". À medida que dinamicamente interagem com o am-

biente, os microrganismos marinhos usam fagos para trocar genes benéficos. Alguns fagos auxiliam seus hospedeiros a melhorar a fotossíntese. Outros fagos dão aos hospedeiros novos truques enquanto caçam fósforo, nutriente fundamental escasso em muitos oceanos. Os vírus marinhos também promovem sobretudo uma diversidade nestes ecossistemas. Se algum membro das comunidades de plâncton se tornar abundante demais, eles tendem a ser abatidos por infecções virais. O princípio é conhecido pelos ecologistas como o princípio da "morte ao vencedor".

Micróbios marinhos, como a cianobactéria, desempenham um importante papel no ciclo global do carbono – extraindo gases de efeito estufa da atmosfera e liberando oxigênio. Dado que os vírus controlam a dinâmica populacional destes micróbios, eles também são tremendamente importantes para a vida na Terra. Um artigo da literatura básica sugere: "Vivemos em um mundo dirigido por micróbios que só existe porque bactérias e arqueas temperaram o ambiente, inicialmente hostil, nos primórdios do planeta Terra" (CLOKIE et al., 2011). Alguns vírus matam pequenos animais na superfície do oceano, os quais então descem através das colunas de água como neve, sequestrando carbono debaixo das camadas sedimentares no fundo do oceano. Outros fagos liberam carbono na superfície oceânica, quando levam seus hospedeiros a explodir por meio de um processo chamado "lise" (SUTTLE, 2007). Um artigo publicado no periódico *Annual Review of Virology* se baseia neste conhecimento sobre o papel dos vírus no ciclo global do carbono para sugerir: os fagos governam o mundo (GÜEMES et al., 2016).

James Lovelock sugeriu pensarmos a Terra como

Gaia, isto é, uma "entidade que compreende um planeta inteiro e que tem uma capacidade poderosa de regular seu clima e composição química" (LOVELOCK, 1987, p. 88). Suas evidências para a existência de Gaia vêm da termodinâmica – relacionando calor, radiação e circulação de gases de efeito estufa em escala planetária – e da cibernética, campo que lida com sistemas autorreguladores que mantêm a homeostase. Gaia pareceu ser uma mãe benevolente cuja saúde, bem-estar e processos regulatórios precisavam de proteção.

Nos últimos quarenta anos, desde o tempo da hipótese Gaia inicial, esta terra-mãe não vem sendo protegida. Isabelle Stengers sugere que nos afastemos da imagem de Gaia como uma mãe que cuida, tomando-a como uma "mãe temível" – como certa vez alguns camponeses gregos se referiram a ela. Neste modo de pensar, Gaia tolera a humanidade, mas não tem paciência infinita. Se antropomorfizarmos a Terra como uma mãe, ela poderá ser entendida como uma mãe irritável – que não deveria ser ofendida. Se está irritada, nas palavras de Stengers (2015, p. 45), "a resposta que Gaia corre o risco de nos dar pode muito bem ser destituída de qualquer medida relativamente ao que temos feito, um pouco como uma recolhida dos ombros provocada quando somos brevemente tocados por um mosquito".

Poderíamos interpretar o surgimento da pandemia de coronavírus como o começo de processos autorregulatórios de Gaia segundo o princípio do "matar o vencedor". Porém a personificação de Gaia supõe que exista um todo unificado, um metassistema governando outros sistemas, para pegar emprestado a linguagem de Mark Zuckerberg. Em vez de me preocupar em ofender Gaia, encontro-me meditando sobre as formas

como uma grande quantidade de processos paralelos nos reinos invisíveis e desconhecidos da virosfera estão sendo perturbadas por atividades humanas.

À medida que o dióxido de carbono se acumula na atmosfera, a acidez dos oceanos é aumentada. A química básica da água do mar está mudando na medida em que absorve este gás de efeito estufa. Mudanças rápidas nos oceanos planetários são pouco compreendidas, mas podem ter consequências de longo alcance na cadeia alimentar dos ecossistemas de plâncton e no ciclo global do carbono. Interações dinâmicas entre vírus e microrganismos marinhos podem repentinamente mudar, perturbando as condições que sustentam a vida humana. Em vez de ciclos regenerativos autorreguladores, em breve poderemos nos defrontar com um sistema descontrolado, onde forças antropogênicas, virogênicas, planctônicas, geoquímicas e termodinâmicas começam a reverberar entre si e a acelerar. Estamos olhando para um futuro com graves incógnitas desconhecidas.

Recentemente, cientistas do MIT relataram uma "incerteza significativa" em cálculos anteriores dos processos marinhos que tiram dióxido de carbono da atmosfera e o transportam para o fundo do oceano, onde pode ser sequestrado por séculos. Os primeiros modelos climáticos sugeriram que poderíamos evitar catástrofes planetárias extremas se reduzíssemos as emissões, até 2040, permanecendo dentro de 1,5 grau celsius de aquecimento, condizente com o Acordo de Paris. Mas novos cálculos pelos pesquisadores do MIT dão a entender que os modelos anteriores de sequestro de carbono e neve marinha podem estar errados. Eles podem estar equivocados em nada menos que cinco

anos, o que significa que temos somente até 2035 para controlar a poluição do ar (CHU, 2021).

Na maior parte, os vírus marinhos nos são indiferentes. Talvez, no entanto, estes agentes infecciosos possam contar uma resposta coletiva, de certa forma coordenada, e indisciplinada às formas como as atividades humanas têm mudado os ciclos químicos e ecológicos planetários. Eles, porém, não trarão justiça climática. Eles serão aqueles que vão corrigir os erros. Os ricos estão em melhor posição para erigir arquiteturas e infraestruturas que podem oferecer proteção temporária das condições planetárias hostis – bolhas que dão aos habitantes a ilusão de que ainda podem manter o meio ambiente a uma distância, pelo menos por mais algum tempo. Mesmo diante de um desastre destruidor mundial, alguns provavelmente sobreviveriam. Mas, num cenário verdadeiramente assustador, forças virais e geoquímicas desumanas poderão eliminar as condições de vida da maioria dos animais e plantas.

Os mansos – fungos, líquens, protistas, cianobactérias e suas espécies virais companheiras – poderão herdar a terra.

* * *

Frequentemente, vírus inspiram medo. A história da virologia esteve motivada pela ansiedade humana em torno de doenças e da morte. Os virologistas tradicionalmente se empenham para identificar e isolar os agentes que levam a doenças infecciosas. Diante da grande incógnita da virosfera, talvez seja também fácil ter medo das forças que muito pouco

compreendemos. Interações ecológicas com complexidade espantosa poderão de repente mudar, destruindo nossos sistemas de sustentação à vida. O reino indisciplinado da biodiversidade viral poderia gerar uma nova pandemia a qualquer momento. E se, em vez disso, abordássemos a virosfera com curiosidade e maravilhamento? É possível simpatizar com um vírus?

Merry Youle, autora de *Thinking Like a Phage* (2017), insiste: "Fora da nossa visão normal, a multitude de fagos sempre está presente – uma força antiga, dinâmica, borbulhante, criativa que sustenta toda a vida na Terra". Ao descrever os modos como os fagos "pensam" ou "dançam", Youle convida a imaginar como estes vírus se movem através do espaço tridimensional.

Em geral, fagos são retratados com a aparência de aranhas, com fibras de cauda finas em formato de filamentos (como as pernas de aranhas), uma bainha de cauda longa e uma cabeça-capsídeo (como o abdômen protuberante de aranhas). O filme "*Matrix Revolutions*" traz sentinelas semelhantes a um fago, que patrulham os esgotos e passagens de cidades humanas mortas em busca de *hovercrafts* e pessoas sem rumo. Nas palavras de Trinity, agente de Zion amante de Neo, uma sentinela é uma "máquina de matar projetada para uma coisa: pesquisar e destruir". Assim que encontram alguém ou uma nave humana, as sentinelas envolvem suas pernas em torno de sua presa em um abraço letal. Embora o imaginário violento continue a dominar a representação dos vírus na cultura popular e na literatura científica, Youle descreve os movimentos dos fagos em termos mais cuidadosos e delicados:

> A imagem icônica de um fago visto em camisas e canecas de café é a de um vírion rolando

> no ambiente, suas seis "garras" estendidas, prontas para um encontro mortífero com uma bactéria infeliz. No entanto, tais imagens podem ser enganosas. Consideremos uma possibilidade mais restrita: um fago retendo a maior parte de suas fibras da cauda perto da própria cabeça, estendendo-se cuidadosamente apenas uma de cada vez para testar as águas (YOULE, 2017).

Enquanto à espreita, alguns fagos estendem suas fibras da cauda, uma por vez, procurando presas bacterianas ao redor. Quando contatam um potencial hospedeiro, os fagos caminham ao longo da superfície celular como dançarinos de seis pernas que se balançam ligeiramente sobre uma perna de cada vez. Se encontram um receptor apropriado, ligam-se com a célula hospedeira e injetam material genético. Alguns fagos tomam conta da bactéria para se reproduzirem rapidamente à custa do hospedeiro, para explorar em lise. Muitos outros – quiçá, a maioria – adotam estratégias simbióticas de longo prazo. Estes vírus integram seu material genético no cromossomo do hospedeiro. Vírus simbióticos contribuem para a formação de novos micromundos dando aos seus hospedeiros bacterianos uma capacidade de formar novas camadas protetoras externas de biofilme. Outros, quando agem unidos em escala massiva, ajudam a sustentar ecologias planetárias fornecendo aos hospedeiros novas vias para sequestro de fósforo ou genes que permitem uma fotossíntese mais eficiente.

Os vírus que infectam pessoas geralmente se parecem mais com bolas esféricas, com saliências ou pontas, ao invés de fagos com aparência de aranhas, de delicadas pernas ou garras. Muitos filósofos já debateram o *status* destas partículas virais – perguntando-se se

elas são verdadeiramente formas de "vida" ou, na verdade, materiais "não vivos". Entender as propriedades de um vírus observando a partícula viral isoladamente assemelha-se a tentar entender uma árvore analisando cuidadosamente uma semente. Deixando de lado os debates sobre a vida e a não vida, John Dupré e Stephan Guttinger (2016, p. 115) sugerem que os vírus "devem ser vistos como processos e não como coisas ou substâncias". No nível molecular, os vírus são "processos vivos" que interagem com outros sistemas vivos e processos com "segmentos interconectados e colaborativos de muitas linhagens geneticamente distintas" (DUPRÉ; GUTTINGER, 2016, p. 209). Se compreendermos os vírus como processos animados, que envolvem proteínas virais interagindo com as organelas dentro de células, então é possível desenvolver uma abordagem relacional à ação viral. Pensar a respeito destas relações moleculares nos permite entender como os vírus interrompem, aumentam e redirecionam os processos dentro de células hospedeiras, enquanto também influenciam processos em larga escala nos organismos, ecossistemas e mesmo na biosfera planetária.

Embora muitos biólogos e filósofos estejam tentando simpatizar com os vírus, muitos teóricos da cultura permanecem inquietos sobre a doença, morte e destruição. Elizabeth Povinelli equipara os vírus a terroristas. Ela vê a figura dos vírus no "depósito de lixo, na infecção bacteriana resistente a drogas ensopada dentro de salmões enormes e em granjas de aves (…) aquela pessoa que se parece como 'nós' enquanto planta uma bomba". Em um registro mais sutil, Povinelli escreve (2016, p. 19): "Os vírus copiam, duplicam-se e permanecem adormecidos mesmo enquanto continuamente se ajustam a, experimentam com e testam

suas circunstâncias". Também, os "vírus são a figura cultural popular do zumbi – a Vida retornada à Não Vida e transformada em um novo tipo de guerra entre espécies" (POVINELLI, 2016, p. 19).

Poderíamos ousar dentro da virosfera em busca de terroristas. Mas o terrorismo é apenas um modo da política viral. Lise, estratégia de replicação viral imediata seguida pela morte do hospedeiro, envolve "a busca obstinada do ganho máximo no curto prazo", para empregar as palavras de Youle (2017). Muitos vírus perseguem uma estratégia diferente, a lisogênese, onde residem em silêncio dentro da célula hospedeira e buscam possibilidades simbióticas. Com a imaginação fértil de Hollywood, poderíamos interpretar um vírus lisogênico como um zumbi que fica adormecido, pronto para romper numa nova guerra entre espécies (POVINELLI, 2016, p. 19). Importa, entretanto, lembrar que os vírus são parasitas obrigatórios – eles dependem das bactérias, plantas, animais e pessoas para existirem. Um anfitrião parasitário que entra em guerra com o seu hospedeiro rapidamente se vê sem lugar para repousar e deve se mudar (cf. SERRES, 2007).

* * *

Vírus somos nós. Cerca da metade do nosso genoma é "DNA-lixo", traços de infecções virais antigas e novas inserções de retrovírus e genes saltadores. Os vírus antigos que carregamos movem-se em nossos genomas durante o curso de uma vida humana normal. A maioria destes genes saltadores – chamados de elementos transponíveis – simplesmente saltam dentro do núcleo de células individuais, encontrando novos lugares para se inserirem em um cromossomo.

Elementos virais móveis são incógnitas desconhecidas que se espreitam dentro dos nossos corpos. Pouco se sabe como eles impactam a estrutura e a função das nossas células, mudam as nossas condições gerais de saúde e bem-estar, ou mesmo criam potencialidades mutantes, monstruosas e evolutivas.

Segundo os biólogos, a maior parte dos vírus antigos parece ser "neutra". Poucos elementos transponíveis estiveram associados a doenças, como o câncer. Outros retrovírus endógenos que se espreitam dentro dos nossos corpos são ativados quando somos infectados por outros vírus – como os vírus da dengue, do herpes e da influenza. Estes vírus antigos podem nos proteger – seus hospedeiros – de novas e potencialmente patogênicas infecções (BADARINARAYAN; SAUTER, 2021; BOURQUE et al., 2018). Alguns vírus antigos, escondidos dentro dos nossos genomas, parecem ser reativados aleatoriamente. Eles podem produzir pequenas partículas virais que viajam pelo nosso corpo, de célula em célula. Há evidências de que estes genes virais – os chamados elementos transponíveis – saltam ocasionalmente para dentro do corpo de outra pessoa, ou mesmo para dentro de outras espécies, reinos e domínios.

Nossos corpos são o lar de um ecossistema dinâmico de vírus que estimulam o nosso sistema imunológico, mantêm um equilíbrio de bactérias em nosso intestino e nos protegem de doenças. Um vírus benéfico, conhecido como *Pegivirus*, aparentemente oferece certa proteção de doenças e da morte por HIV/Aids. Algumas cepas de *Pegivirus* podem produzir mudanças em células humanas que as tornam resistentes à infecção do HIV. Abrigar estes vírus aumenta a probabilidade

geral de sobrevivermos à Aids. À medida que aprendermos mais sobre os agentes infecciosos "bons" como o *Pegivirus*, poderemos melhor entender alguns dos impactos prejudiciais à saúde provocados pelos estilos de vida modernos e por práticas de higiene. O *Pegivirus* está presente apenas em 1% a 5% dos doadores de sangue em lugares como Estados Unidos e Europa, enquanto ele é encontrado em até 20% da população dos países em desenvolvimento (BHATTARAI; STAPLETON, 2012).

Os vírus abundam em fluidos corporais e órgãos que antes eram considerados estéreis – incluindo o fígado, o rim, o sangue, os linfonodos, o líquido cefalorraquidiano e o cérebro. De todas as comunidades microbianas em nosso corpo, o microbioma do intestino é, de longe, o mais complexo, denso e dinâmico com cerca de dez trilhões de bactérias e dois trilhões de fagos. O nosso sistema respiratório e o nosso intestino são revestidos de muco, uma armadilha pegajosa para os micróbios. No nível molecular, o muco é composto de mucinas – molécula com uma estrutura idiossincrática, assinatura molecular, distinta para cada um de nós. As mucinas nos ajudam a coletar fagos potencialmente benéficos, que têm proteínas "decorativas" em suas cabeças. As cabeças-capsídeo dos fagos estão mergulhadas no muco e suas delicadas pernas sondam pelo espaço em busca de bactérias que estejam passando por perto. Imaginemos a camada de muco pegajosa e viscosa em nosso intestino – bem como nossos seios faciais e pulmões – com uma multitude de biodiversidade viral balançando na superfície. Ao cultivar e curar esta multitude animada de fagos, o corpo está indiretamente gerenciando as bactérias simbióticas e patogênicas no intestino.

Quando observamos de perto o intestino humano, fica difícil distinguir entre dentro e fora, ou separar o "nós" do "eles". Algumas das células que revestem nosso intestino – no tecido epitelial que é coberto em muco – ativamente transportam fagos para dentro do nosso corpo. Estas células têm proteínas mucinas em sua superfície que seletivamente se ligam a fagos e, então, as trazem para dentro do nosso corpo. À medida que estes vírus circulam dentro da nossa corrente sanguínea, há uma resposta leve do nosso sistema imunológico. Embora os pesquisadores ainda estejam trabalhando para caracterizar a diversidade destes vírus, o consenso geral é de que os fagos dentro de nós fazem mais bem do que mal – eles parecem auxiliar o sistema imunológico a nos proteger de bactérias que perambulam por lugares onde não deveriam estar.

Poucos estudos foram conduzidos sobre o papel que os fagos desempenham em nosso sistema nervoso central e no cérebro. Alguns deles sugerem que os fagos podem ajudar o nosso corpo a identificar e destruir células cancerígenas e tumorais, bem como estruturas de placas associadas ao Alzheimer e Parkinson. Visto que muitos fungos, bactérias e vírus animais podem produzir alterações nos neurônios e no comportamento observável, alguns cientistas começaram a especular quanto às possibilidades do "controle mental" dos fagos (BARR, 2017).

* * *

Os vírus oferecem mais evidências para a surpreendente afirmação de Donna Haraway (2008): "nunca fomos humanos". Embora os cientistas continuem estudando o genoma humano em busca das sequências

de DNA que nos apartam das demais espécies, uma abundância de evidências sugere que compartilhamos grande parte da nossa identidade genética com os vírus. Estes agentes infecciosos ligam a humanidade a outras criaturas que vivem conosco em mundos multiespécies compartilhados. Temos um parentesco com nossas relações virais.

"A natureza humana é um relacionamento interespécie", segundo Anna Tsing. Ao afirmar isto, Tsing nos leva a considerar a maneira como os antigos seres humanos foram transformados à medida que desenvolviam novas estratégias agrícolas para o cultivo de trigo aproximadamente doze mil anos atrás. Novos estilos de vida sedentários, formas de riqueza e uma hierarquia social surgiram à medida que esta planta nos domesticava (TSING, 2012; SCOTT, 2017). Partindo das ideias de Tsing sobre a domesticação, unindo-as a pesquisas sobre o nosso envolvimento com outras plantas, animais e micróbios, proponho uma reviravolta no que ela diz: a natureza humana é um relacionamento multiespécie.

A natureza humana vem sendo moldada por macieiras, flores de tulipas, plantas de milho, levedura de cerveja, sem mencionar os animais do império – gado, porcos, cavalos e ovelhas – que reconstruíram comunidades ecológicas em todas as partes do mundo (CROSBY, 1986; POLLAN, 2001; WINDERS; RANSOM, 2019). Novas formas de vida em laboratório – roedores geneticamente modificados, bactérias *E. coli* e células humanas em placas de Petri – nos permitiram explorar possibilidades pós-humanas (HARAWAY, 1997; SKLOOT, 2010; KIRKSEY et al., 2014). Começamos a domesticar alguns vírus – como os vetores que administram vaci-

nas e terapias genéticas, além dos fagos usados para inserir genes trans em bactérias sintéticas. Mas os vírus que ainda estão na natureza – ainda não identificados, isolados e otimizados – continuam a modelar quem somos e como nos movemos mundo afora.

Ao longo dos milênios, nossa "natureza" vem sendo formada e transformada por agentes infecciosos que interromperam constantemente a composição genética e a integridade corporal dos nossos ancestrais com ondas e mais ondas de infecções. Estas ondas continuam a inundar a espécie humana, mesmo que a maioria de nós nos esforcemos para usar máscaras, observar os protocolos de quarentena e manter a vacinação em dia. O SARS-CoV-2, vírus que leva alguns pacientes aos sintomas graves da covid-19, transformou o estilo de vida no planeta de repente, e talvez ainda mais dramaticamente do que o desenvolvimento da agricultura dez mil anos atrás.

Enquanto milhões morrem de covid no mundo, importa reconhecer que mesmo este vírus não é completamente indiferente à saúde e ao bem-estar de seus hospedeiros. Uma minoria de pessoas infectadas com o vírus SARS-CoV-2 experimenta sintomas graves ou morre de covid-19. Em escala global, este vírus não está envolvido na "busca obstinada do ganho máximo no curto prazo". Pelo contrário, o vírus tem desenvolvido estratégias que o capacitam a continuar circulando – muitas vezes, sem ser detectado em portadores humanos assintomáticos, bem como através de populações de outras espécies animais.

Algumas pessoas reagiram à pandemia de coronavírus com uma biofobia extrema – medo do mundo biológico. Enquanto elas tentavam se afastar da nature-

za, outras matavam toda coisa viva ao redor. Surgiram vídeos de cidades do sul da China que mostram funcionários municipais pulverizando nuvens de veneno em parques enquanto tentavam matar animais selvagens que poderiam ser reservatórios virais. Na Holanda e Dinamarca, abateram-se milhões de martas, enquanto as autoridades tentavam impedir que a covid saltasse entre diferentes espécies. Ao mesmo tempo, muitos responderam à pandemia com um sentimento de biofilia – amor pelo mundo biológico. No começo da pandemia – abril e maio de 2020 –, aumentaram as adoções de animais domésticos ao redor do mundo, muito embora houve casos de cães e gatos que contraíram o coronavírus (HO et al., 2021).

Agora sabemos que o coronavírus pandêmico é promíscuo: ele pode infectar morcegos e grandes felinos, além de lontras, vacas, macacos, grandes símios, veados de cauda branca e hienas. Animais menos conhecidos da Ásia – como os pangolins (*Manis javanica*), cães-guaxinim (*Nyctereutes procyonoides*) e o urso-gato-asiático (*Arctictis binturong*) – também são suscetíveis, assim como animais da América Central, como o quatimundé (*Nasua narica*), animal longo e magro com uma cauda anelada. Segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, sigla em inglês) dos Estados Unidos, o risco de pegar covid-19 a partir de um animal é relativamente baixo. Porém, os animais em contato próximo com as pessoas correm aparentemente o risco de pegar o vírus (CDC, 2022).

Cresce o número de evidências de uma história multiespécie bem mais complexa do surgimento do coronavírus – envolvendo tipos múltiplos de animais e abrangendo inúmeros países – do que a história ori-

ginal inicial centrada em Wuhan. A hipótese do "vazamento laboratorial" foi descartada logo no início da pandemia por causa das evidências genéticas (ANDERSEN et al., 2020) e porque especialistas da OMS concluíram que o mercado de frutos do mar de Huanan foi provavelmente o local do evento de uma grande disseminação, e não uma transmissão interespécie (WALSH, 2021). Equipes multidisciplinares de pesquisa correm para apresentar uma história mais definitiva da origem do vírus – tentando, quiçá em vão, identificar os animais e lugares particulares envolvidos no surto pandêmico. Nós continuamos convivendo com incógnitas desconhecidas. Habitar a virosfera significa viver com mistérios multiespécies.

Simbiose significa, literalmente, "viver junto", e parceiros simbióticos podem ter efeitos bons, ruins, pluripotentes sobre os hospedeiros (BRIVES, 2021). Donna Haraway escreveu sobre o potencial dos vírus de induzirem a simbiogênese em ensaio clássico intitulado "As promessas dos monstros" (HARAWAY, 1992). Ela refere o modo como os ativistas da Aids puderam criar uma relação simbiótica com o HIV através de alianças com jornalistas, políticos, empresas farmacêuticas e cientistas (cf. também EPSTEIN, 1996). Hoje, pessoas infectadas com o vírus HIV têm uma expectativa de vida semelhante à normal – pelo menos em países onde elas têm fácil acesso a medicamentos que salvam vidas (KIRKSEY, 2020). Inovações médicas e sociais agora permitem muitos de nós viver numa confortável "simbiose" com o coronavírus – em proximidade com o SARS-CoV-2, mas sem a necessidade do medo de contrair uma doença grave ou morrer de covid-19.

Relacionamentos simbióticos são muitas vezes indesejados ou inescapáveis. Vírus potencialmente patogênicos – como o HIV e o SARS-CoV-2 – podem ser domesticados efetivamente em relações simbióticas estáveis. Ao pensar sobre a simbiose viral na escala das comunidades, populações e países, é importante considerar como o poder está em jogo nas esferas sociais e políticas. Novos arranjos simbióticos podem reforçar injustiças. Desigualdades globais na área da saúde significam que apenas metade da população mundial aproximadamente foi vacinada. Mesmo em países onde as vacinas estão prontamente disponíveis, muitas pessoas vulneráveis – sem-teto, membros de comunidades indígenas, requerentes de asilo, pessoas em casas de repouso, presos – continuam correndo risco de contrair covid-19. Mas alguns relacionamentos simbióticos têm o potencial de romper com a desigualdade médica. Lembremos que pelo menos um vírus "bom" – *Pegivirus*, que protege quem contraiu Aids – parece dar alguns benefícios desproporcionais a pessoas do sul global.

Mesmo se não pudermos entender plenamente os mistérios multiespécies da virosfera, é chegada a hora de desenvolvermos práticas para a detecção de vírus. Na medida em que as ondas da pandemia de coronavírus retrocedem gradualmente em intensidade, temos a oportunidade de refletir sobre o potencial simbiótico pleno dos vírus – seus efeitos bons, ruins e pluripotentes. A pandemia demonstrou que é possível fazer mudanças rápidas e dramáticas de comportamento humano a fim de proteger os mais vulneráveis entre nós. Estamos todos nos tornando vulneráveis, à medida que a indústria, a infraestrutura e a tecnologia humanas perturbam a atmosfera e a virosfera. Mesmo assim,

muitas instituições e muitos políticos continuam agindo como parasitas virulentos, com "a busca obstinada do ganho máximo no curto prazo". Aprender como pensar os vírus simbióticos pode fornecer uma saída aos predicamentos planetários contemporâneos. É possível infectar e perturbar sistemas dominantes – para abrir-nos a novos campos geradores de possibilidades.

Referências

ANDERSEN, K. G; RAMBAUT, A.; LIPKIN, W. I. et al. The proximal origin of SARS-CoV-2. Nature Medicine, Nature Publishing Group, 1-3, 2020. DOI: 10.1038/s41591-020-0820-9.

BADARINARAYAN, S. S.; SAUTER, D. Switching Sides: How Endogenous Retroviruses Protect Us from Viral Infections. Journal of Virology, 95(12), 2021. DOI: 10.1128/JVI.02299-20.

BARR, J. J. A bacteriophages journey through the human body. Immunological Reviews, 279(1), 2017: 106-122. DOI: 10.1111/imr.12565.

BHATTARAI, N.; STAPLETON, J.T. GB virus C: the good boy virus? Trends in Microbiology, 20(3). Elsevier: 124-130, 2012. DOI: 10.1016/j.tim.2012.01.004.

BOURQUE, G.; BURNS, K. H.; GEHRING, M. et al. Ten things you should know about transposable elements. Genome Biology, 19(1): 199, 2018. DOI: 10.1186/s13059-018-1577-z.

BRIVES, C. Pluribiosis and the Never-Ending Microgeohistories. In: BRIVES, C; REST, M; SARIOLA, Salla. (Eds.) With Microbes. Mattering Press, 2021. DOI: 10.28938/9781912729180.

CDC. Covid-19 and Your Health. 2022. Disponível em: https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/daily-life-coping/animals.html. Acesso em: 11 fev. 2022).

CLOKIE, M. R.; MILLARD, A. D.; LETAROV, A. V. et al. Phages in nature. Bacteriophage, 1(1), p. 31-45, 2011. DOI: 10.4161/bact.1.1.14942.

COBIÁN GÜEMES, A. G.; YOULE, M.; CANTÚ, V. A. et al. Viruses as Winners in the Game of Life. Annual Review of

Virology, 3(1), p. 197-214, 2016. DOI: 10.1146/annurev-virology-100114-054952.

CROSBY, A. W. Ecological Imperialism: The Biological Expansion of Europe, 900-1900. Cambridge University Press, 1986.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. On the Line. Foreign agents series. New York: Semiotext(e), 1983.

DUPRÉ, J.; GUTTINGER, S. Viruses as living processes. Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences, 59, p. 109-116, 2016. DOI: 10.1016/j.shpsc.2016.02.010.

EPSTEIN, S. Impure Science: AIDS, Activism, and the Politics of Knowledge. University of California Press, 996.

HARAWAY, D. The Promises of Monsters: A Regenerative Politics for Inappropriate/d Others. In: GROSSBERG, L.; NELSON, C.; TREICHLER, P.A. (Eds.). Cultural Studies. New York: Routledge, p. 296-337, 1992.

HARAWAY, D. J. Modest_Witness@Second_Millennium. FemaleMan_Meets_OncoMouse: Feminism and Technoscience. New York: Routledge, 1997.

HEIDEGGER, M. The Fundamental Concepts of Metaphysics: World, Finitude, Solitude. Bloomington, Ind.: Indiana University Press, 1995.

HO, J.; HUSSAIN, S.; SPARAGANO, O. Did the COVID-19 Pandemic Spark a Public Interest in Pet Adoption? Frontiers in Veterinary Science, 8, 2021. Disponível em: https://www.frontiersin.org/article/10.3389/fvets.2021.647308. Acesso em:14 abr. 2022.

JENNIFER, Chu. Study reveals uncertainty in how much carbon the ocean absorbs over time. 2021. Disponível em: https://news.mit.edu/2021/how-much-carbon-ocean-absorbs-0405. Acesso em: 11 fev. 2022.

KIRKSEY, E. The Multispecies Salon. Durham: Duke University Press, 2014.

KIRKSEY, E. The Mutant Project: Inside the Global Race to Genetically Modify Humans. St. Martin's Publishing Group, 2020.

LOVELOCK, J. Gaia: A Model for Planetary and Cellular Dy-

namics. In: THOMPSON, William Irwin (Ed.). Gaia: A Way of Knowing. Great Barrington, MA: Lindisfarne Press, p. 83-97, 1987.

POLLAN, M. The Botany of Desire: A Plant's Eye View of the World. New York: Random House, 2001.

POVINELLI, E. Geontologies: A Requiem to Late Liberalism. Durham: Duke University Press, 2016.

SCOTT, J. C. Against the Grain: A Deep History of the Earliest States. 1st edition. New Haven London: Yale University Press, 2017.

SERRES, M. The Parasite. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

SIKARWAR, V. S.; REICHERT, A.; JEREMIAS, M. et al. Covid-19 pandemic and global carbon dioxide emissions: A first assessment. The Science of the Total Environment, 794, 148770, 2021. DOI: 10.1016/j.scitotenv.2021.148770.

SKLOOT, R. The Immortal Life of Henrietta Lacks. Crown, 2010.

SLOTERDIJK, P. Bubbles: Microspherology. Semiotext(e), 2011.

STENGERS, I. In Catastrophic Times: Resisting the Coming Barbarism. Open Humanities Press, 2015.

SUTTLE, C. A. Marine viruses — major players in the global ecosystem. Nature Reviews Microbiology, 5(10), 10, Nature Publishing Group, p. 801-812, 2007. DOI: 10.1038/nrmicro1750.

TEN BOS, R. Towards an Amphibious Anthropology: Water and Peter Sloterdijk. Environment and Planning D: Society and Space 27, p. 1-11, 2009.

TSING, A. Unruly Edges: Mushrooms as Companion Species. Environmental Humanities 1, p. 141-154, 2012.

WALSH, N. P. CNN Exclusive: WHO Wuhan mission finds possible signs of wider original outbreak in 2019. 2021. Disponível em: https://www.cnn.com/2021/02/14/health/who-mission-china-intl/index.html. Acesso em: 30 março 2021.

WINDERS, B.; RANSOM, E. Global Meat: Social and Environmental Consequences of the Expanding Meat Industry. MIT

Press, 2019.

YOULE, M. Thinking Like a Phage: The Genius of the Viruses That Infect Bacteria and Archaea. San Diego: Wholon, 2017.

Eben Kirksey

Antropólogo americano conhecido por seu trabalho pioneiro em "etnografia multiespécies" – uma abordagem para estudar as interações humanas com animais, plantas, fungos e micróbios. Eben pesquisa sobre a relação entre natureza e cultura. Investigar algumas das histórias mais importantes do nosso tempo – relacionadas à biotecnologia, meio ambiente e justiça social – o levou à Ásia, ao Pacífico e às Américas. Quando estourou a controvérsia sobre os primeiros bebês geneticamente modificados, Eben falou sobre ética no palco principal da Cúpula Internacional sobre Edição do Genoma Humano em Hong Kong. Mais tarde, viajou para a China continental, onde aprendeu sobre as esperanças *queer* e os desejos que animaram os experimentos com o CRISPR-Cas9.

Eben frequentou a Universidade de Oxford e obteve seu PhD em Antropologia Cultural e História da Consciência na Universidade da Califórnia em Santa Cruz. Lecionou em algumas das mais renomadas instituições de ensino superior, como a Princeton University e o Deep Springs College, no deserto de High Sierra, na Califórnia. Ajudou na curadoria de várias exposições de arte, incluindo The Multispecies Salon, que viajou de São Francisco (2008) a Nova Orleans (2010), antes de se estabelecer em Nova York. A Duke University Press publicou seus dois primeiros livros—*Freedom in Entangled Worlds* (2012) e *Emergent Ecologies* (2015)—bem como uma coleção editada com as descobertas do *The Multispecies Salon* (2014). O Instituto de Estudos Avançados de Princeton, Nova Jersey,

recebeu Kirksey no ano acadêmico de 2019-2020, onde terminou seu último livro: The Mutant Project.

Atualmente é Professor Associado no Alfred Deakin Institute em Melbourne, Austrália, onde estuda *The Promise of Multispecies Justice*, a virada química nas humanidades e a circulação de vírus em mundos multiespécies.

Notícias com Eben Kirksey publicadas no IHU

- O mundo invisível: como superar o medo do desconhecido e compreender os vírus para além da doença e da morte?

Eventos com Eben Kirksey no IHU

- Manifesto a favor da antropologia multiespécies e das ecologias emergentes

CADERNOS IHU IDEIAS

N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montaño
N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
N. 07 Mundos televisivos e sentidos identiários na TV – Suzana Kilpp
N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
N. 18 Um itinenário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
N. 38 Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de "A Teoria da Classe Ociosa" – Leonardo Monteiro Monasterio
N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
N. 46 "Esta terra tem dono". Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcelos da Costa
N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élida Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana María Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montaño
N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstoi – Thomas Mann – Alexander Soljenítsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
N. 131 A philía como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstroem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois" – Claudia Wasserman
N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
N. 158 "Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
N. 165 Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
N. 182 Censo 2010 e religiões:reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite") – Augusto Jobim do Amaral
N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Morais Campetti e Tiago Wickstrom Alves
N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta socialpor moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D'Assunção Barros
N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odelso Schneider
N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevian
N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo – Moysés da Fontoura Pinto Neto
N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governamento – Dora Lilia Marín-Díaz
N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
N. 250 A Liberdade Vigiada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moysés Pinto Neto
N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico).
Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
N. 286 O "velho capitalismo" e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
N 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção:trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
N. 307 História de José, O Carpinteiro,como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualda-des sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschietti
N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Franciso - André Langer
N 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswalfo Giacoia Junior
N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

UNISINOS